

ANTIGOS FAZENDEIROS PAULISTAS PREGAM A "REVOLUÇÃO DO CAFÉ"

Piza Sobrinho, na presidência da Sociedade Rural Brasileira lidera o movimento de renovação da cultura cafeeira — Não teme o Paraná, nem a Colômbia nem a África — No que a ditadura de (1937) prejudicou a cultura do café de São Paulo.

Luiz Toledo Piza Sobrinho, um dos "patriarcas" da cultura de café em São Paulo, está fazendo, na presidência da Sociedade Rural Brasileira, a "revolução do café".

— "O que estou fazendo — diz, eufórico, abrindo os braços num gesto típico — é apenas a continuação da obra iniciada quando ocupei a Secretaria da Agricultura, em 1935, obra nefastamente interrompida pela ditadura".

Explica. Dá dados. Enumera detalhes. Fala na recuperação da cultura cafeeira paulista. Revela um otimismo extraordinário. Diz textualmente:

— "Sou dos que acreditam na livre iniciativa. Não há problema da competição colombiana ou africana. O café paulista está ressurgindo como nos bons tempos. O café foi, e será o estio da economia nacional. Estamos em plena revolução do café".

A REVOLUÇÃO

Piza Sobrinho anuncia que faz sua revolução com "os paulistas de velhos troncos, plantadores de café, e os pequenos lavradores de café, descendentes de colonos, todos immanados no ideal de recuperar o antigo prestígio da cultura cafeeira paulista".

Diz que todo o plano está baseado na utilização de métodos científicos e modernos na análise de terras, adubação adequada, seleção de sementes e assistência econômica aos fazendeiros.

Cita o exemplo de alguns fazendeiros antigos, que, com as novas técnicas, estão obtendo média de produção de café superiores a 200 arrobas por mil pés, igual somente à média das terras virgens do Paraná.

OS SERVIÇOS DA RURAL

Piza Sobrinho, antes de entrar em detalhes, conta sobre as atividades da Sociedade Rural Brasileira, antigas e atuais, estabelecendo um paralelo — a fim de, depois, situar a "luta histórica" da renovação da cultura cafeeira paulista.

— "A Sociedade Rural Brasileira — diz — nesta gestão, procura atuar praticamente, com objetivos e medidas concretas, sem rotinas, mesmuras e debates inúteis. A Rural tinha atuação elevada, doutrina mesmo, mas faltava-lhe praticidade. É o que estamos fazendo agora, para colocar a agricultura de São Paulo, a mais adiantada do país, sempre em dia com os novos ensinamentos e técnicas modernas.

Procurou empregar, nessa atividade, planos de cunho educativo de minha gestão na Secretaria da Agricultura, ao tempo do saudoso Armando de Sales Oliveira, e que agitaram, na época, o meio rural. Consequi então apreciáveis resultados, levando agrônomos para o interior (tirando-os da burocracia citadina), criando vários serviços no Instituto Agrônomo de Campinas (estudos de solos, irrigação, adu-

bação, sericultura, etc.), e os departamentos dos clubes de trabalho, para educação dos filhos dos lavradores menos esclarecidos. E, também, as cooperativas escolares de consumo, (quase 150) para fazer com que, dentro da escola, as crianças praticassem rudimentos de cooperativismo. Na Secretaria, o mais importante, foi a criação da Seção Especial de Estudos de Café".

Diz logo a seguir:

— "Pois o que estou fazendo na minha gestão, da Rural, é o desdobramento do que fiz na Secretaria da Agricultura, e que foi interrompido pela Ditadura".

A DITADURA DE 37

Continua:

— "Com a ditadura de 1937 e as intervenções em S. Paulo, tudo isto foi posto de lado — esse sentido de dar educação, instrução ao lavrador, serviços julgados eficientes até mesmo por técnicos americanos que estiveram em Campinas. Quase tudo foi desmantelado. O café e o algodão sofreram guerra oficial. Se hoje temos cultura algodoeira isso se deve ao impulso inicial.

A ditadura, pior que a centralização estatal, parasitária, excessiva, matou no lavrador o espírito de iniciativa, dirigindo-o brutalmente, ceifando suas fontes de criação, burocratizando-o por completo. Hoje, ainda sofremos disso dirigimo-nos não só econômico como técnico, e em todo o resto. O governo é considerado como o providencial, não como o supletivo, na obra desagregadora da ditadura".

RETOMADA DA OBRA

Diz que, depois dos anos de exílio, alguns com Mangabeira nos Estados Unidos, voltou ao Brasil (1945), sendo eleito à Constituinte. Mais tarde, em 1953, foi para a presidência da Rural, com reeleição em 1954 (biênio).

— "Tratei então de, por intermédio da Rural, com cerca de 36 anos e 5 mil sócios, com trabalhos positivos para a Agricultura Brasileira, numa iniciativa privada, e com a vantagem de estar em contato pessoal com os agricultores, retomar aquela obra, cujos fundamentos lançara na Secretaria da Agricultura".

Assim, o sr. Piza, na Rural, criou diversos serviços de assistência efetiva aos lavradores, como, principalmente, assistência econômica e assistência técnica".

— "A econômica através de importações de implementos para a lavoura, vendendo-os aos lavradores a preços 30 ou 40 por cento mais baratos e atendendo-os em casos de empréstimos na carteira agrícola do Banco do Brasil".

— "E assistência técnica efetiva, como análise de terras e técnica de adubação, confiadas ambas à superintendência do professor alemão Paul Vageler,



OS INTEGRATIVOS MINERAIS E
VITAMINICOS **SIVAM** RENDEM
MUITO MAIS DO QUE CUSTAM

